

## RESENHA

### ***O fuxico de Janaína, Nós de axé, Meu avô é um tata: o imaginário afro-brasileiro em três obras da literatura infanto-juvenil contemporânea***

FIGUEIREDO, Janaína de e KAJALACY, Tata. *O fuxico de Janaína*.

Ilustrações de Paulica Santos. Belo Horizonte: Aletria, 2015.

FIGUEIREDO, Janaína de. *Nós de axé*. Ilustrações de Paulica Santos. Belo Horizonte: Aletria, 2018.

FIGUEIREDO, Janaína de. *Meu avô é um tata*. Ilustrações de Bruna Lubambo. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

Ari Lima<sup>1</sup>

A proposta fundamental desta resenha é apresentar e comentar as três obras brasileiras de literatura infanto-juvenil de autoria de Janaína Figueiredo. Na primeira delas, *O fuxico de Janaína*, há também o coautor Tata Kajalacy. No candomblé angolano<sup>2</sup>, tata é um termo utilizado para distinguir um homem com maturidade espiritual assim como o líder religioso de um terreiro. Kajalacy é o nome sagrado de Atualpa de Figueiredo Neto, pai biológico de Janaína de Figueiredo, fundador e líder religioso do Terreiro Ilê N'Zambi, sediado em Caraguatatuba, São Paulo. Janaína de Figueiredo, além de escritora, é iniciada no candomblé angolano e doutora em An-

---

<sup>1</sup> Professor titular pleno do DEDC/Campus II/UNEB. Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da UNEB. Endereço eletrônico: arivaldopituba@gmail.com.

<sup>2</sup> Candomblé é uma religião afro-brasileira constituída por africanos, escravizados no Brasil desde o início da colonização portuguesa em 1500 até a abolição do trabalho escravo em 1888. Durante e depois da escravidão, africanos e descendentes mantiveram versões diferentes da religião do candomblé cultivado no espaço conhecido como "terreiro". As diferenças são marcadas pela referência a países ou etnias diferentes, por exemplo, Angola/Kimbundo, Congo/Bakongo, Benin/Fon ou Jeje e Nigéria/Iorubá ou Ketu, assim como pela referência a diferentes rituais, línguas, deuses e cosmogonias. Isso explica a formação de diferentes candomblés tal qual o ketu, o angolano, o congo ou o jeje autodenominados nações (LIMA, Vivaldo da Costa. Nações-de-Candomblé. *Encontro de nações-de-candomblé*. Salvador: Ianamá/Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA/Centro Editorial e Didático da UFBA, 1984. p. 65-90).

tropologia pela Pontífica Universidade Católica (PUC) de São Paulo. No seu doutorado, defendeu tese sobre a memória do candomblé angola em Santos, São Paulo. Atualmente é pós-doutoranda em Antropologia na Universidade de São Paulo e se dedica à pesquisa sobre populações africanas e afro-brasileiras.

As três publicações são textos literários dirigidos ao público infantil. Todas elas inserem o leitor no imaginário afro-brasileiro, elaborado por africanos escravizados no Brasil até 1888 e reelaborado por afrodescendentes até os dias de hoje. A referência territorial principal da autora e de seu coautor é o mundo dos terreiros de candomblé, em particular, o candomblé angola. O vocabulário, as narrativas, a visão de mundo, deuses e deusas trazidos da África para o Brasil, assim como sujeitos — como o tata ou a criança —, fundamentais para o processo de salvaguarda e continuidade das tradições e práticas do candomblé, são todo o tempo presentes nas três obras.

As três obras trazem textos curtos com cerca de 40 páginas escritas e ilustradas. Todas elas apresentam, nas páginas finais, uma pequena biografia da autora e do coautor de *O fuxico de Janaína*, Tata Kajalacy e das ilustradoras dos textos. Também trazem um glossário que traduz o significado das palavras em língua iorubá, kimbundo e kicongo, presentes nos textos, assim como explicam os enredos míticos relacionados aos deuses e deusas citados, cultuados no candomblé. Recurso muito acertado uma vez que alguns desses termos fazem parte do vocabulário cotidiano de brasileiros iniciados e não iniciados no candomblé, são citados em letras de canções famosas, em textos jornalísticos e de telenovelas. Um bom exemplo é a palavra “axé”, do iorubá, traduzido como alegria de viver, poder e força mágica, e “fuxico”, do kimbundo ou kicongo, traduzido às vezes como conversa ou fofoca e em outras vezes como segredo ou oferenda sigilosa oferecida a um deus ou deusa.

Acompanham os textos, belíssimas ilustrações, bastante coloridas, de Paulica Santos e Bruna Lubambo. As ilustrações de Paulica Santos — *O fuxico de Janaína* e *Nós de axé* — e Bruna Lubambo — *Meu avô é um tata* — são divertidas e inusitadas, traduzem e complementam muito bem o texto escrito uma vez que descrevem as palavras, os objetos, o mundo natural e os corpos negros dos personagens apresentados nos textos tanto quanto convocam a imaginação do leitor. As cores dessas ilustrações não são aleatórias, retratam elementos da natureza e objetos ao mesmo tempo em que os mostram associados a deuses e deusas diferentes, simbolizados pelas cores que distinguem esses objetos e elementos da natureza. Além disso, os personagens são todos negros com cor da pele bastante escura e cabelos crespos.

*O fuxico de Janaína* conta a história de um caçador muito paciente e inquieto, Kaitimba, que adorava pescar e contemplar a imensidão do mar. Um dia ele se apaixona por Janaína, uma menina-moça que vive na superfície dos mares. Janaína também se apaixona por Kaitimba. Encantado por Janaína, Kaitimba desafia os perigos do mar e se perde no fundo do oceano. A própria Janaína o resgata, porém exige que ele se comprometa a reverenciar e agradecer com oferendas alguns deuses e deusas os quais ele havia esquecido. Dessa forma, Kaitimba pôde caçar, pescar, navegar e admirar Janaína sem correr perigo.

*Nós de axé* conta a história de uma menina alegre, saltitante e curiosa que um dia recolhe no quintal de casa uma fita do Senhor do Bonfim que o vento fez chegar até ela. Senhor do Bonfim é um santo católico cultuado na Bahia, lembrado pelos fiéis através de fitas coloridas que são amarradas com três nós em um dos pulsos. A fita da menina era azul clara, cor da deusa do mar iorubá, lemanjá. Um dia, bastante gasta, a fita se parte e ao invés de entregá-la no mar de lemanjá, a menina resolve criar uma tradição nova. Enrola a

fitas em uma semente da árvore sagrada iroko, enterra-a, espera que a árvore cresça e dessa forma dá nova vida à fita partida.

*Meu avô é um tata* conta a história de um velho sábio, um avô que vive em uma casa de sonhos instalada entre a mata e o mar. Ele sabe ler e interpretar o oráculo. Ele conversa com as estrelas, com as plantas e os animais. Ele ouve, aconselha, cuida de quem o procura, dança, brinca, porém, às vezes, é misterioso. O avô é um tata, um sumo sacerdote do candomblé angola que encantou sua neta, narradora da história.

No texto de apresentação de Janaína Figueiredo em *O fuxico de Janaína* consta que a autora “com seu nome, reviveu durante toda a vida o mito de Janaína, em suas mais diversas versões” (FIGUEIREDO; KAJALACY, 2015, p. 35). Dessa forma, como a deusa Janaína que fala através da calmaria, mas também do desassossego, a autora transita de um lugar a outro e atua em vários lugares de fala. É a pesquisadora que registrou uma memória ancestral oral, é a iniciada no candomblé angola que foi convocada a escutar o que deve guardar e transmitir para as gerações vindouras, é a escritora que versou uma narrativa oral e a apresenta como narrativa literária escrita individualmente ou em parceria. Aliás, cabe aqui destacar que essa é uma atitude rara entre pesquisadores que registraram contos de sábios ou contadores de histórias africanos ou afro-brasileiros (VERGER, 1985; LODY, 2007)<sup>3</sup>. Normalmente, eles assinam os livros sem dividir a autoria com aqueles que lhes contaram as histórias.

As obras nos inserem em uma ordem estética afro-orientada<sup>4</sup>, dignificante da presença negra no Brasil, sem que

---

<sup>3</sup> VERGER, Pierre. *Lendas africanas dos orixás*. Salvador: Corrupio, 1985; LODY, Raul. *Seis pequenos contos africanos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

<sup>4</sup> Quando nos referimos à estética ou religião afro-orientada, por um lado, enfatizamos o empenho de africanos e descendentes, no Brasil, em reconstituir e assegurar as práticas culturais, ritos, mitos, cantos, danças e deuses originalmente

necessariamente tenha como gancho narrativo a denúncia da escandalosa exclusão racial a qual somos obrigados tantas vezes a repetir. Outro aspecto importante é que se o mistério, o segredo estão presentes em todas as três histórias contadas, eles não aparecem como evidência de culpa, pecado ou medo, ao contrário disso, são revelação do encantamento diante das coisas e experiências corriqueiras da vida cotidiana infantil ou adulta, quais sejam, o movimento contínuo, mas também inesperado do mar, do ar, o fluxo natural daquilo que nasce, cresce e morre. As histórias também ensinam sobre o valor da reciprocidade entre a natureza e os humanos, entre as pessoas mais velhas e os mais jovens, assim como sobre a necessidade de cuidado e respeito aos idosos e às formas de vida não humanas. Aliás, esses são ensinamentos e dimensões éticas da vida em sociedade, cada vez menos valorizados nas sociedades modernas industrializadas, desencantadas e digitalizadas.

É muito provável que as crianças de um modo geral se identifiquem com estas obras. Em todo caso, aquelas crianças educadas em comunidades negras e afro-centradas, a saber, favelas, zonas rurais, quilombos ou terreiros de candomblé, que tiveram acesso à memória de práticas culturais, a valores e crenças religiosas resguardadas e transmitidas oralmente na rua ou em espaços comunitários encontrarão seu cotidiano e suas referências nas mesmas. O conjunto do

---

africanos. Por outro lado, observamos que essa atitude foi determinada por perspectivas históricas, sociais, econômicas e culturais definidas pela colonização portuguesa, por um longo período de escravidão negra e permanente hegemonia branca. Logo, em suas variações no Brasil, práticas culturais, artes e religião afro-brasileira têm agregado majoritariamente negros, mas também mestiços e brancos. Têm se constituído como uma reserva de memória, de relações e laços sociais supostamente africanos, mas também de memória, relações e laços gerados durante a colonização, a escravidão e o pós-escravidão, tal como o sincretismo cultural e religioso, a experiência da raça, do racismo e das desigualdades raciais (LIMA, Ari; ALVES, Nana L. M. Vozes negras no Candomblé baiano: Quando a raça importa e quando a raça não importa. Nau Literária, UFRGS, v. 09: 01-15, 2013. <https://doi.org/10.22456/1981-4526.43464>).

trabalho apresentado — textos, ilustrações, narrativas — correspondem a uma tendência da literatura infanto-juvenil brasileira que, a partir dos anos 1980 (SOUSA, 2005)<sup>5</sup>, passou a tematizar e representar o negro, seu mundo social e cultural de modo mais realista, valorizando a fenotipia negra e a ancestralidade africana sem estereótipos racistas previsíveis. Essa foi uma transformação de suma importância, porque se persiste uma dominação econômica, se persiste a desigualdade racial entre negros e brancos no Brasil, é fundamental também revertê-las através da transfiguração de uma estética excludente e racista característica do modo como se expressa a colonialidade do poder, do saber e do ser no Brasil (BALLESTRIN, 2013; QUIJANO, 2014)<sup>6</sup>.

Por fim, é importante uma ponderação sobre o estilo textual das três narrativas. Tanto a obra *Nós de axé* quanto a obra *Meu avô é um tata* trazem textos com frases curtas, construídas até como versos, bem apropriadas para o público ao qual se destina. Já no caso da obra *O fuxico de Janaína*, se, por um lado, os autores contam uma bela história, ricamente ilustrada, evidenciam a relação de interdependência entre o humano, o sagrado e a natureza, por outro lado, faltou um trabalho mais cuidadoso no estilo textual de modo que o texto escrito se fizesse mais fluido e mais próximo do texto oral em que a história foi provavelmente transmitida pelos mais velhos iniciados no candomblé angola. Em todo caso, é importante destacar que, embora sejam obras e histórias

---

<sup>5</sup> SOUSA, Andréia Lisboa de. A representação da personagem feminina negra na literatura infanto-juvenil brasileira. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 185-204.

<sup>6</sup> BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, nº11, maio — agosto: 89-117, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>; QUIJANO, Anibal. Estética de la utopia. In QUIJANO, Anibal. *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014, p. 733-741.

dirigidas ao público infanto-juvenil, de fato, pelo trabalho didático de mencionar, explicar e distinguir aspectos de distintas tradições africanas e afro-brasileiras com arte e inteligência, são também ótimos livros para adultos mal informados e curiosos sobre aquilo que está, muitas vezes, diante dos nossos sentidos e tão pouco conhecemos. É uma oportunidade particular para o leitor, não iniciado no candomblé, perceber a presença da memória de referências culturais africanas no seu dia a dia e, muito importante, no modo como categoriza as coisas da realidade e pensa.

[Recebido em: 12 abr. 2022 — Aceito em: 15 set. 2022]